

CARTA ABERTA:

Uma resposta ao CITO, aos ataques à Serra do Padeiro e às distorções sobre o Manto Tupinambá.

Eu, Rosivaldo Ferreira da Silva, Cacique Babau Tupinambá, da comunidade Serra do Padeiro (Terra Indígena Tupinambá de Olivença, Bahia), situada no pé da serra e pertencente ao povo das matas, venho a público repudiar os ataques direcionados à minha comunidade e ao trabalho de minha irmã, Glicéria Tupinambá (Glicéria Jesus da Silva), no que tange ao Manto Sagrado. Nos últimos meses, temos presenciado uma série de distorções e tentativas de deslegitimação da história do Manto Tupinambá, de forma irresponsável e desrespeitosa. É inaceitável que questões de ordem espiritual e histórica sejam tratadas como objeto de disputa pessoal, quando, na realidade, fazem parte da memória e da identidade de nosso povo.

Não admitirei que minha comunidade seja alvo de ataques, muito menos que a história do Manto Tupinambá seja manipulada por interesses particulares e estreitos. Governamos nossa nação com respeito à ancestralidade e à autonomia de cada uma das comunidades que compõem nosso povo. Mas não podemos tolerar que se brinque com questões sagradas.

Nestes últimos dias, houve ataques infundados quanto à participação de Glicéria Tupinambá na assessoria do enredo da escola de samba Acadêmicos do Tucuruvi, que homenageou o Assojaba Tupinambá. Chegou-se ao ponto de responsabilizar Glicéria pelo rebaixamento da escola de samba. É importante esclarecer que a agremiação entrou em contato com lideranças Tupinambá no início dos preparativos para o Carnaval 2025, para construir sua narrativa, convite aceito por Glicéria, que conduziu seu trabalho de assessoria transmitindo seus conhecimentos com precisão e respeito à autonomia criativa da escola. Não podemos aceitar que alguns setores tentem desqualificar a participação de Glicéria alegando que ela “monopoliza” a história do Manto. Cada Tupinambá tem sua história, e, como se sabe, o trabalho de Glicéria é reconhecido internacionalmente por seu empenho na pesquisa e na restituição do Manto. Diferentes vozes devem coexistir, e não podemos aceitar a disseminação de informações falsas para deslegitimar um trabalho que tem sido realizado com seriedade e compromisso espiritual.

É importante ressaltar que o primeiro contato documentado de um Tupinambá com um dos Mantos mantidos pelo Museu Nacional da Dinamarca ocorreu no ano 2000, quando Dona

Nivalda Amaral de Jesus - Amotara Tupinambá, mãe da cacica Valdelice Tupinambá (Maria Valdelice Amaral de Jesus), foi convidada para a Mostra do Redescobrimento, em São Paulo. Na ocasião, ao lado de Aloísio Tupinambá (Aloísio Cunha), Dona Nivalda teve acesso ao Manto. Naquele período, houve uma tentativa de impedir a saída do Manto do território brasileiro, mas sem sucesso. Após aquele episódio, nenhuma nova mobilização visando a restituição do Manto ocorreu. Reconhecemos, integralmente, a importância de Dona Nivalda, assim como de Aloísio, ambos já falecidos, para a história de nosso povo e jamais apagaremos sua memória. O trabalho de Glicéria reforça isso constantemente, como pode ser comprovado em sua dissertação de mestrado, defendida em fevereiro deste ano junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ), assim como nas diversas produções realizadas por ela. Ressaltamos também o papel de outras mulheres fundamentais para nossa luta, como Nádia, Nicinha, Núbia, Pedrísia e tantas outras.

O trabalho de Glicéria com penas, a partir de técnicas aprendidas com os mais velhos da comunidade, teve início em 2005, quando, a pedido dos Encantados, confeccionou um Manto. Após circular pelo país na exposição Os Primeiros Brasileiros, ele se encontra na reserva do Museu Nacional. Glicéria prosseguiu com seu trabalho, ouvindo o território, os mais velhos, as crianças, as aves e os Encantados. Em 2018, ao ver um Manto do século XVI no Museu do Quai Branly, em Paris, recebeu um chamado para produzir um novo Manto ao retornar ao Brasil. Até hoje, já confeccionou mais de cinco Mantos com suas próprias mãos e a colaboração da comunidade, sempre atendendo à escuta dos Encantados. Os mantos produzidos em nossa comunidade não são réplicas, não são obras de arte, não estão à venda. Conforme as orientações dos Encantados, eles são embaixadores, mensageiros da nossa cultura e história, da nossa luta pela terra e pelo direito de existir do nosso povo. Após a primeira movimentação de Dona Nivalda, quem deu continuidade ao estudo, à confecção e à pesquisa dos Mantos foi Glicéria Tupinambá, sob orientação dos Encantados. Nada que realizou foi feito sem a orientação e autorização dos Encantados: nossa espiritualidade é essencial para nossa identidade. Eu, enquanto cacique, e os mais velhos de nossa comunidade fomos sempre consultados.

Graças a sua pesquisa sobre os Mantos espalhados pela Europa, Glicéria teve acesso aos Mantos localizados na França, Itália, Bélgica, Suíça e Dinamarca. Em 2022, ao visitar o Museu Nacional da Dinamarca, ouviu o chamado do Manto para retornar à sua terra. Após o

regresso de Glicéria, consultamos os Encantados; em seguida, enviei uma carta ao museu dinamarquês solicitando o retorno do Manto ao Brasil. Essa carta deu início ao processo de negociação entre museus, culminando na decisão de doação. Para essa conquista, contamos com a colaboração de professores como João Pacheco de Oliveira e Renata Curcio Valente.

Além das acusações contra Glicéria Tupinambá e da desqualificação de seu trabalho acadêmico, foram feitas nos últimos meses críticas à UFRJ, assim como à produção acadêmica sobre os Mantos Tupinambá e sobre outros aspectos da vida do nosso povo. Questionou-se a validade das pesquisas, afirmando que nenhuma tese pode substituir a sabedoria das anciãs, e se chegou ao ponto de atacar com acusações infundadas o trabalho de pesquisadores que mantêm diálogo respeitoso, há anos, com todas as lideranças da Terra Indígena Tupinambá de Olivença e sempre se mostraram aliados em nossa luta política. Como Cacique, reforço que o conhecimento acadêmico não é um antagonista da sabedoria ancestral, mas uma ferramenta para ampliar a compreensão de nossa história e fortalecer nossa luta. É exatamente através dessas pesquisas que conseguimos abrir espaço no debate institucional, garantir direitos e articular a restituição do Manto. Tentar desqualificar a UFRJ e seus pesquisadores é desconsiderar um histórico de colaboração que tem sido essencial para nosso reconhecimento e luta por soberania.

Assim, denunciamos veementemente a tentativa de mobilização para questionar a atuação de Glicéria e deslegitimar sua história. Pessoas que nunca participaram dos processos de negociação para a volta do Manto tentam agora se apropriar da narrativa e invalidar aqueles que trabalharam de forma consistente, desde o início, por esse objetivo, frequentemente colocando a vida pessoal em segundo plano para se dedicar a um bem maior, visando a coletividade Tupinambá. Para se proteger da recorrente calúnia e difamação perpetrada pela Sra. Jennyffer Evellys Bransford, no último dia 7 de março, Glicéria Tupinambá registrou Boletim de Ocorrência na 6ª Coordenadoria Regional de Polícia do Interior - Itabuna (BA). Desde pelo menos setembro de 2024, Jennyffer tem utilizado redes sociais para acusar Glicéria de se apropriar do Manto para fins pessoais e de manipular informações em sua pesquisa. O Boletim de Ocorrência também menciona que Jennyffer atribuiu, de forma infundada, o rebaixamento da escola de samba Acadêmicos do Tucuruvi ao envolvimento de Glicéria no enredo.

Já sobre a nota publicada recentemente pelo Conselho Indígena Tupinambá de Olivença (CITO) em referência ao caso da Acadêmicos do Tucuruvi, ao tempo que respeitamos a

organização de cada comunidade, deixamos claro que o CITO não possui legitimidade para falar em nome de todo o povo Tupinambá. É importante reforçar esse ponto, considerando-se que a forma como a entidade tem se manifestado nas redes sociais leva a confusão, principalmente junto àqueles que não conhecem as dinâmicas políticas e a organização social do povo Tupinambá. Cada comunidade tem autonomia para definir seus posicionamentos e a Serra do Padeiro possui uma visão distinta àquela do CITO sobre o Manto. Infelizmente, em lugar de avançar na luta do povo Tupinambá, fazendo uma representação consequente e responsável, o CITO tem promovido ataques, difamação e calúnia, instrumentalizando debates internos para enfraquecer nossa luta. Esses ataques têm gerado impactos negativos não apenas sobre a comunidade, mas também sobre pesquisadores e aliados que trabalharam ativamente pelo retorno do Manto. É importante mencionar que a postura autoritária e irresponsável do CITO não tem desagradado apenas a Serra do Padeiro, como mostra a recente desfiliação de outras lideranças Tupinambá, de outras comunidades, dessa organização, por considerarem que ela se desvirtuou em relação aos seus propósitos de atuação.

A história do Manto Tupinambá não pertence a um grupo específico, mas à nossa ancestralidade. A volta do Manto é uma conquista histórica para todo o povo Tupinambá e para os povos indígenas do Brasil. Como Cacique, reafirmo nosso compromisso com a verdade e com o respeito às orientações dos Encantados. Não disputamos narrativas, mas exigimos que nossa história seja respeitada, como respeitamos as histórias de todas as comunidades e de todos os povos. O Manto é sagrado e não pode ser tratado como objeto de disputa pessoal. Por fim, é essencial ressaltar que nossa luta é pela preservação da história, pelo reconhecimento da autonomia de cada comunidade e pela garantia de que as futuras gerações possam conhecer a verdade sobre seus antepassados.



Rosivaldo Ferreira da Silva
Cacique Babau Tupinambá

Serra do Padeiro, 10 de março de 2025.